

## RESENHA DE “A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA GRAMATIZAÇÃO”

José Adriano de Oliveira<sup>1</sup>  
Doutorando em Língua Portuguesa PUC-SP.

Auroux, Sylvain: *A revolução tecnológica da gramatização* / Sylvain Auroux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi. - 3ª ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014

A obra *A revolução tecnológica da gramatização*, de Sylvain Auroux, apresenta-se como uma produção elementar para a compreensão sobre os mitos dos processos de gramatização da língua. Sylvain Auroux traz à reflexão as ideias silenciadas sobre o nascimento das ciências da linguagem e a gramatização feita sobre ela, de modo que seja possível compreender como a linguagem também passou a ser financiadora dos processos de dominação e o quanto esse processo necessita ser compreendido dentro da história humana, sobretudo na história da ciência linguística.

Sylvain Auroux é, sem dúvida, uma das fontes mais consultadas no campo da linguística. Seus escritos científicos contemplam uma fenomenologia desse campo com maestria porque sempre apresenta aos pesquisadores uma honestidade intelectual com os demais trabalhos até hoje apresentados. Estudou linguística e filosofia na École normale supérieure de Saint-Cloud e desde então forma o quadro metodológico do campo da ciência linguística. A obra aqui apresentada é uma das mais importantes do seu extenso trabalho e proporciona aos pesquisadores uma base sólida sobre a leitura crítica da tecnologização na gramatização.

Entre os méritos devidamente reconhecidos neste livro está a maneira peculiar de fazer um esboço meticuloso e devidamente aproveitável desde o nascimento das metalinguagens até o conceito de gramatização.

É uma leitura que desperta o sentimento necessário de historicização da linguagem dentro dos diversos modos em que ela foi encarada como ferramenta principal nos processos de construção de saberes políticos, religiosos e sociais. Daí importa destacar a ênfase que o

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [adrianohamlet@gmail.com](mailto:adrianohamlet@gmail.com)

autor coloca no fato de não olhar para o passado intelectual da área da linguística como algo ultrapassado, mas como ele mesmo destacou: “O saber não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber” (p. 12).

Na leitura dessa passagem, que já mostra toda a didática do livro frente ao assunto, nota-se o sentimento de honestidade com as produções científicas que levaram ao cume a linguística no século XIX, que passa a ter um espaço de difusão por ter, só neste momento, objetos definidos e mais palpáveis linguisticamente falando.

O capítulo de abertura trata da metalinguagem não apenas no sentido de uso, mas também na compreensão que essa palavra tem diante da língua. A categorização colocada pelo autor é dividida em três partes: base documentária; homogeneidade à prática cognitiva das línguas e a volta ao passado como forma de justificar a pesquisa do presente resumem a trilha de trabalhos desde o século XIX sobre a história dos saberes linguísticos. Essa visão proposta na obra permite uma releitura ao pesquisador que possa, eventualmente, julgar seu campo de pesquisa apenas a partir do século XIX, de modo que não deixe de ler com os olhos verdadeiramente acadêmicos o vasto campo colocado pelos diversos contextos e tradições do homem que aprendeu a falar.

Outro momento importante da obra é a reflexão colocada sob os aspectos sociais e políticos da linguística no Ocidente. Permeados pela lógica e pela retórica, o saber ocidental estimulou, através dessas duas ramificações, o domínio da enunciação e das línguas. Junto a essa colocação há também a devida manifestação linguística que passa do modelo epilinguístico ao metalinguístico, (formas particular e geral de se analisar a linguagem), como meio de se compreender que a história dessa ciência não é isolada, mas promovida pelas interações e demais contextualizações.

Uma das observações notáveis que Sylvain Aurox nos apresenta é a relação da escrita com a produção de saberes sobre a língua, pois se de um lado tinha-se lista de palavras na cultura chinesa, já entre os hindus a escrita não tinha uma primazia, pois os textos sagrados eram decorados e a produção era usada como meio de organização dos negócios da sociedade. E o que isso promove na produção científica da linguística hoje? Uma perspectiva de olhar mais abrangente e não apenas dentro dos paradigmas ocidentais da lógica e da retórica. A partir desses dados compreende-se um fenômeno linguístico precedente ao século XIX robusto e organizado, longe da lente ocidental. Há um orgulho dentro do contexto do Ocidente em supor

que a linguagem se constitui a partir do que a Europa, sobretudo, imaginou e forjou enquanto técnica, ou melhor dizendo, gramática. Como se pode ler “em tempos remotos nunca se teve espontaneamente a ideia de fazer uma *gramática* - um corpo de regras explicando como construir palavras, mesmo que sob a forma implícita de paradigmas - para aprender a falar” (p. 27).

A questão da enunciação é também trazida pela obra como um acervo do uso linguístico, ou seja, pensar o uso da língua e suas características não pode ser apenas no aspecto técnico. Desse modo, ao traçar uma síntese sobre os caminhos precedentes ao século XIX, o leitor será convidado a pensar que a língua se aprende falando, o que pode parecer absurdo para alguns, mesmo que se passe a descobrir que o processo de gramatização só ocorre dois séculos antes da nossa era, em Alexandria, com Dionísio de Trácia.

Por fim, o primeiro capítulo encerra com a reiteração da necessidade de um uso filosófico da linguagem e não apenas lógico. A ideia do autor é convidativa para aqueles que gostam de fazer ciência com a linguística e não para a linguística, em que a primeira é um caminho de observação e conservação de todo o arcabouço da história humana ao usar a linguagem; o segundo é o oposto, uma visão reducionista e sem dúvidas, apenas ocidental e europeia, o que leva à negação da universalização dos sentidos da linguagem.

O segundo capítulo trata do fato da gramatização como processo de instrumentalização da língua de modo claro e objetivo e define junto à história, um paralelo que leva o leitor a compreender de forma realista as necessidades requeridas e também impostas à língua enquanto produto de domínio e forma de imperialismo dentro dos processos colonizadores após o Renascimento.

A obra também conta com o apêndice em que o autor faz uma sucinta relação lógica entre as duas formas de se chegar à cadeia falada: a primeira é a decomposição linear, que é o estudo das partes com o foco da expressão linguística e a segunda que remete à classificação dos termos em diferentes níveis. Essa reflexão leva ao entendimento da parte discursiva da língua dentro de um conjunto de não-finito de formas dentro dos recursos linguísticos.

Por fim, destaca-se pela leitura a real necessidade de se pensar os processos linguísticos dentro de uma cadeira muito superior ao que se apresenta a nós. Pensar a língua dentro de um processo tecnológico não é pensa-la distante de cada um de nós, mas como realidade praticada por cada e, quando não vista sob a ótica científica, ela passa a ser um forte instrumento que atende ao que não queremos e não desejamos falar, mas falamos.